

Hortifruti ^{Brasil}

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ
Ano 2 - Nº 23 - Abril de 2004

OS CAMINHOS DOS HORTIFRUTÍCOLAS

A conta é alta para o setor,
tanto nas melhores quanto
nas piores estradas

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA



Prof. Dr. Caixeta Filho (ESALQ/USP)

Fórum de Idéias

“Excelentes infra-estruturas de estradas garantem um melhor produto para o consumidor final e uma maior segurança para quem transporta”

Requeima



Cena como esta só acontece se você deixar

Programa completo de prevenção à requeima

Uma prática inteligente

Censor™

Antracol® 700 PM

Positron® Duo

Previcur® N

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo
Venda sob receituário agrônomico



www.bayercropscience.com.br



0800-115560
0800-122333



Bayer CropScience

Estradas podem comprometer

escoamento dos hortifrutícolas

Considerando que as estradas são o elo de ligação entre o produtor e o consumidor final, a **Hortifruti Brasil** resolveu investigar a fundo a situação das rodovias utilizadas para o escoamento da produção nacional até a capital paulista. Enquanto a péssima infra-estrutura pode comprometer todo o investimento na lavoura e no beneficiamento da hortaliça, boas estradas garantem a manutenção da qualidade do produto para o consumidor final, mas elevam os valores dos fretes. O resultado da pesquisa mostrou que as rodovias utilizadas no transporte dos hortifrutícolas que saem do Nordeste em direção a São Paulo são as que apresentam as mais precárias infra-estruturas.

Além disso, diante do crescimento da produção frutícola nordestina, a taxas exponenciais, a **Hortifruti Brasil** alerta que estradas como a BR-101 e a BR-116 podem não comportar o escoamento da produção do Nordeste no médio prazo. Assim como o verificado no caso da soja, em que as rodovias não são suficientes para o transporte de toda a produção, no futuro, as estradas que ligam os pólos produtores do Nordeste podem não ser suficientes para escoar o volume colhido, caso não exista uma adequação às necessidades rodoviárias desses produtos.

O Prof. Caixeta Filho, em entrevista à **Hortifruti Brasil** (p.18), não acredita em um "apagão do transporte" para os hortifrutícolas,

mas ressalta que os investimentos em produção estão sendo muitos maiores do que os realizados na logística do setor. Seguindo o professor, o sistema de transporte dos hortifrutícolas pode ser diferente do praticado para a maioria das *commodities* agrícolas. Isso porque sua produção é menos concentrada, o produto tem maior valor agregado e sua qualidade final é um atributo importante durante a comercialização. Sua sugestão, também defendida pela **Hortifruti Brasil**, é de que exista maior fidelidade comercial entre produtores e transportadores, assim como a especialização da frota.

A recomendação geral é de que o setor deixe de se enganar, acreditando que economias no valor do frete proporcionam o retorno de grandes lucros. Cargas em excesso, fuga de rotas pedagógicas e caminhões fora das condições ideais de funcionamento geram perdas de volume e qualidade do produto, além de dificultar o cumprimento dos calendários de distribuição exigido por grandes redes varejistas. Muitas ações em prol de uma melhor logística podem ser realizadas. Algumas delas seriam o desenvolvimento integrado da cadeia a frio e o estudo de novos tipos de transporte para o escoamento dos hortifrutícolas, além do rodoviário.



Daiana Braga (esq.), Rafaela C. da Silva, Cinthia A. Vicentini

Daiana, Rafaela e Cinthia pesquisaram a fundo a situação das principais rotas utilizadas pelos produtores nacionais de hortifrutícolas.

ÍNDICE



Capa 7

OS CAMINHOS DOS HORTIFRUTÍCOLAS

Quais são as principais rotas de escoamento da produção hortifrutícola nacional? E a qualidade dessas estradas, como anda??? A **Hortifruti Brasil** traz uma avaliação completa das estradas mais utilizadas pelo setor na pág. 7. Confira!

Fórum 18

NECESSIDADE DE ESPECIALIZAÇÃO

O Prof. Dr. José Vicente Caixeta Filho é um dos principais estudiosos sobre logística agroindustrial. Na sua opinião, para que existam melhorias na qualidade e agilidade do escoamento dos hortifrutícolas, a logística desses produtos precisa evoluir e se especializar.

SEÇÕES

Batata			
Safra das águas continua ruim	5	Manga	
Tomate		Exportações em baixa	14
De volta ao mercado!	6	Uva	
Cebola		Mais uva no mercado	15
Importações prejudicam mercado interno	11	Banana	
Mamão		Aumenta a oferta de prata em Minas	16
Pouco mamão em abril!	12	Citros	
Melão		É a vez das precoces	17
Sim, nós temos melão!	13		

FRUTIFIO
 PRODUTIVIDADE LÁ EM CIMA.
 3 FASES DE FERTILIZAÇÃO BELGO DURA MUITO MAIS
 UMA LINHA COMPLETA PARA A FRUTICULTURA.
Arames de Qualidade
BELGO BEKAERT
 Belgo Bekaert Arames
0800 - 727 2000
 www.belgobekaert.com.br



**Qualidade e
Produtividade**

FOLPAN®

- **Melhor custo x benefício**
- **Ação preventiva**
- **Controle simultâneo de outras doenças**
- **Fungicida de uso mundial**



A Group Member
Arysta LifeScience Corporation



Cartas

ARMAZENAMENTO DE TOMATES

Vocês têm informações sobre as condições de armazenamento de tomates? Por quanto tempo e sob quais condições pode-se estocá-lo mantendo uma boa qualidade? Agradeço desde já.

Eng. Antonio J.C. Pontes
pontes@profrio.com.br

Existem várias dissertações e pesquisas sobre condições de armazenamento de tomates a fim de expandir ao máximo o tempo de prateleira do produto. Algumas consideram o armazenamento sob controle atmosférico outras sob forma de resfriamento. Através do site <http://www.agr.unicamp.br/tomates> você poderá ter acesso a diversas informações sobre essas técnicas.

PERSPECTIVAS 2004

Nós, da Brasnica Frutas Tropicais, gostaríamos dar parabéns à Hortifruti Brasil pela edição número 20 (dez/03). O resumo dos especialistas: Margarete Boteon, Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Heloísa Lee Burnquist e Silva Helena G. de Miranda demonstram o domínio sobre cada matéria, abordando temas reais, de maneira verdadeira e imparcial.

Atenciosamente,
Brasnica Frutas Tropicais
Sebastião Salim Khouri
Diretor Comercial /Adm
salim@brasnica.com.br

Escreva pra gente! - hfbrasil@esalq.usp.br - Hortifruti Brasil - CP 132 - CEP:13400-970 - Piracicaba/SP

Erramos:

Na seção *Batata* (pág 06), da edição nº 22, o tubérculo é erroneamente chamado de bulbo.

Na seção *Cartas* (pág 2), também da edição nº 22, fazemos duas correções à transcrição da carta assinada pelo Prof. Dr. Paulo César Tavares de Melo. Onde se lê: "A maioria dos híbridos estão descritas..."; o autor escreveu originalmente: "A maioria dos híbridos está descrita...". A palavra "infidáveis" está grafada de maneira incorreta; o certo seria "infidáveis", também conforme o enviado pelo autor.

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Executiva:
Margarete Boteon

Editora Econômica:
Mírian Rumenos Piedade Bacchi

Editora Assistente:
Carolina Dalla Costa

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Revisão:
Letícia Macchi

Equipe Técnica:
Aline Vitti, Aline Barrozo Ferro, Carolina Dalla Costa, Cinthia A. Vicentini, Isis N. Sardella, João Paulo B. Deleo, Marina L. Matthesen, Margarete Boteon, Mauro Osaki, Rafaela Cristina da Silva, Renata E. Gaiotto Sebastiani, Daiana Braga, Renata B. Lacombe e Thiago L. D. S. Barros.

Apoio:
FEALQ
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

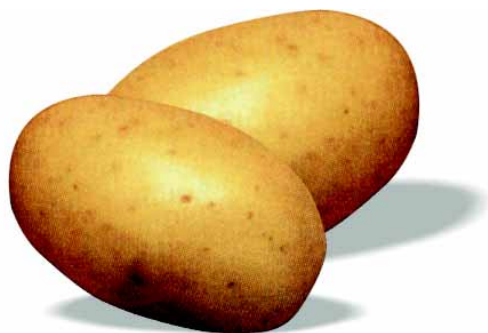
Fotolitos:
Nautilus Estúdio Gráfico
Fone:(19)3422-4220
nautilus@merconet.com.br

Impressão:
MPC Artes Gráficas
Fone:(19)3451-5600
mpc@mpegrafica.com.br

Tiragem:
6.500 exemplares

Contato:
C.Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8809
Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
<http://cepea.esalq.usp.br>

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte Hortifruti Brasil/Cepea e a devida data de publicação.



Safra das águas continua ruim

Mesmo com a entressafra no Sul de Minas, a oferta deve se manter alta em abril



E quem levanta esse mercado?

Em abril, a oferta da batata na região do Sul de Minas Gerais deve diminuir consideravelmente, marcando a entressafra na região. Entretanto, o Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba (MG) e Guarapuava (PR) devem continuar ofertando um grande volume de batata, limitando a reação dos preços. Em março, a intensificação da safra dessas regiões aliada a má qualidade da batata - sucessivas chuvas e altas temperaturas prejudicaram a formação e o desenvolvimento do tubérculo - ocasionaram a desvalorização do produto. Assim, a batata monalisa foi comercializada a R\$ 28,33/sc de 50 kg, em média, no atacado de São Paulo, em abril, cerca de 5% abaixo dos valores registrados em fevereiro, quando o preço médio do tubérculo foi de R\$ 29,93/sc de 50 kg.

Muita batata e pouco consumo

O aumento da área plantada nas principais regiões produtoras e a intensificação do plantio da ágata têm sido os principais vilões da bataticultura nacional desde o segundo semestre de 2003. Neste ano, porém, a retração do consumo, somada àqueles dois fatores, dificultou ainda mais o escoamento da produção nacional. Segundo dados o Seade/Dieese, o índice de desemprego na região metropolitana de São Paulo, foi de 19,8% em feve-

reiro, o maior registrado desde o início do levantamento em 1985. Com a queda do poder de compra do consumidor, principalmente de média e baixa renda, as vendas do produto nos principais atacados do país caíram, contribuindo para a redução dos preços do tubérculo.

Preços diferentes para batatas diferentes

Como de costume, os preços da batata da safra das águas vêm variando de acordo com a qualidade do tubérculo. De acordo com agentes do setor, uma batata de qualidade superior chega a ser comercializada a valores até duas vezes maiores que o do produto de menor qualidade. Dentre as três principais regiões que vêm abastecendo o mercado nacional, o tubérculo do Sul de Minas e do Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba (MG) tiveram a qualidade depreciada pelas altas temperaturas e excesso de chuvas em março. No Sul de Minas, a incidência de nematóide foi um dos principais problemas fitossanitários enfrentados pelos produtores. Agentes do setor afirmam que, em março, o tubérculo dessa praça

foi o que apresentou pior qualidade. No Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba (MG), as chuvas provocaram elevada incidência de requeima - doença causada pelo fungo *Phytophthora infestans* -, elevando o gasto com a aplicação de fungicidas. Entretanto, os produtores conseguiram controlar a doença, evitando maior depreciação do produto. Já em Guarapuava (PR), o principal fator que prejudicou a qualidade do tubérculo foi a seca do início do ano. Dessa forma, o tubérculo paranaense não teve formação adequada e não atingiu o padrão exigido pelo mercado. Segundo produtores locais, a safra de batata no Paraná pode ter sofrido quebra de aproximadamente 30%, em decorrência do mau desenvolvimento do tubérculo.

Preços da monalisa continuam inferiores a 2003

Preços médios de venda da batata monalisa na Ceagesp - R\$/sc 50 kg

Safra das águas			
	2001/02	2002/03	2003/04
dez	26,81	36,63	23,58
jan	27,71	41,93	24,76
fev	33,71	48,99	29,93
mar	33,40	53,77	28,33
abr	41,51	54,56	
mai	41,43	60,76	

Fonte: Cepea

De volta ao mercado!



Depois de três meses, Goianápolis volta a ofertar o tomate para o mercado nacional



Começa a safra em Goianápolis

Os produtores de Goianápolis (GO) devem aumentar a colheita de tomate neste mês. A safra local teve início na segunda quinzena de março e a estimativa dos agentes é de que o volume produzido em 2004 fique abaixo do verificado no período anterior. De acordo com cálculos do setor o número de pés plantados na região, nesta safra, deve ficar ao redor de 3 milhões, 50% a menos que o cultivado em 2003. Os baixos preços recebidos pelos tomaticultores goianos, no último ano, desanimaram boa parte dos agentes. Além disso, o alto custo de produção, estimado em aproximadamente R\$ 2,00/pé, e a baixa produtividade local, de cerca de 200 cx de 23 kg/mil pés, desestimularam muitos produtores a investir na

cultura. Durante o primeiro trimestre de 2004, a região sequer ofertou o produto ao mercado nacional. Em anos anteriores, Goianápolis era uma das únicas praças que mantinham oferta regular ao longo do ano. O distanciamento dessa região do mercado, no início de 2004, esteve relacionado ao alto risco de incidência de doenças e viroses, nesta época.

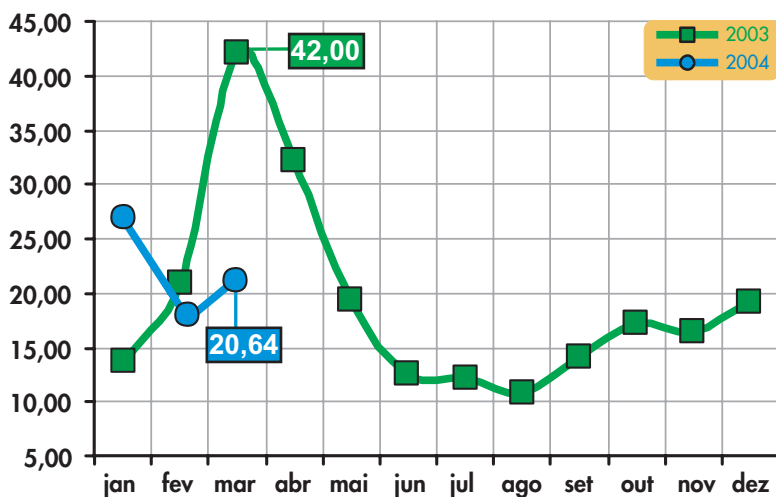
Caçador deixa o mercado

A região de Caçador (SC) encerrou sua safra de tomate no final de março. Os produtores catarinenses haviam iniciado a colheita em janeiro, com uma área plantada 25% superior à da safra anterior. Estima-se que 15 milhões de pés tenham sido colhidos na região até o final de março. A produtividade também foi

maior nesta safra, ficando entre 500 cx de 23 kg/mil pés, nas primeiras lavouras, e 250 cx de 23 kg/mil pés, nas roças mais tardias, que foram atingidas por chuvas frequentes em janeiro e fevereiro. Diante do aumento da oferta local, os valores recebidos pelos tomaticultores da região, nesta safra, caiu. Neste ano, o preço médio pago aos produtores catarinenses pelo tomate salada AA longa vida, entre os meses de janeiro e março foi de R\$ 14,13/cx 23 kg, na roça. No mesmo período de 2003, o produto foi comercializado a R\$ 16,27/cx 23 kg, em média, nas lavouras da região.

Preços altos em março?

Contrariando as expectativas dos produtores, as cotações do tomate se mantiveram estáveis em março, frente ao mês anterior. Os agentes contavam com uma forte valorização do produto para o último mês, assim como a registrada em 2003. Entretanto, neste ano, grande parte das lavouras de verão manteve a oferta até meados de abril, fazendo com que o período de entressafra não fosse tão bem demarcado quanto no ano passado. Além disso, a lentidão das vendas no último mês ocasionou muitas sobras nos boxes dos principais atacados do país, dificultando a valorização do produto. Dessa forma, o preço médio de venda do tomate salada AA longa vida na Ceagesp, em março, foi de R\$ 20,64/cx de 23 kg, 51% abaixo dos valores praticados no mesmo período de 2003. Em abril, a oferta do tomate deve permanecer regular, já que as roças de verão devem finalizar a colheita e as lavouras de inverno tendem a iniciar a safra.



Tomate 51% abaixo dos valores observados em 2003

Preços médios de venda do tomate salada AA longa vida na Ceagesp - R\$/cx 23Kg

Fonte: Cepea



Importações prejudicam mercado interno

A entrada da cebola argentina limitou os ganhos dos produtores sulistas

Argentina X Sul

Apesar das importações brasileiras do bulbo argentino terem começado mais tarde neste ano, a entrada da cebola daquele país prejudicou a venda do produto nacional em março. Mesmo com uma importação ainda tímida, a cebola argentina competiu com o bulbo brasileiro e limitou os ganhos dos produtores nacionais. Em março, a cebola sulista foi comercializada a R\$ 11,70/sc de 20 kg, em média, nas máquinas locais. Se, por um lado, esses valores estão 12% acima dos registrados em fevereiro, por outro, permanecem 32% abaixo daqueles verificados no ano passado. A tendência, segundo os agentes, é de que os preços do mercado nacional acompanhem os valores do bulbo importado, que apresenta melhor qualidade e boa aceitação no mercado nacional. Na fronteira, os preços também foram menores neste ano. Em março, o produto foi importado a valores cerca de 22% menores do que os registrados no mesmo período de 2003. Segundo dados da Secex, as importações brasileiras do bulbo argentino durante os meses de janeiro e fevereiro de 2003 foram de aproximadamente 13 mil toneladas, enquanto que, neste ano, apenas 87 toneladas foram comercializadas no mesmo período. Em abril, a previsão é de que as importações brasileiras do bulbo argentino aumentem.

Vale do São Francisco intensifica plantio

Com a diminuição das chuvas em março, o plantio do bulbo

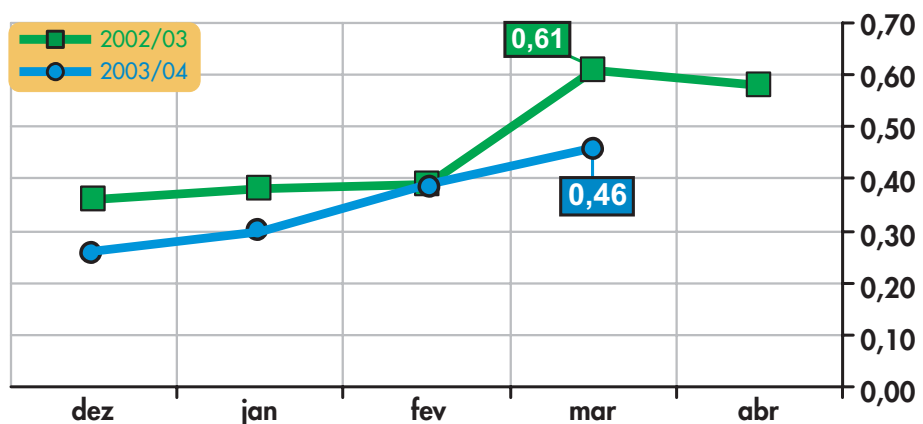
no Vale do São Francisco se intensificou. Apenas nas regiões de Casa Nova (BA) e Sento Sé (BA), o transplante de mudas continua atrasado em virtude do transbordamento do lago do Sobradinho. O reservatório está chegando a sua capacidade máxima e os produtores poderão fazer o transplante na vazante apenas quando o nível de água voltar aos padrões normais. Assim, os produtores acreditam que a oferta no Nordeste deverá se iniciar somente em agosto. Em Irecê (BA), a semeadura se encerrou no último mês. A área plantada neste ano foi cerca de 20% superior à do ano anterior e a colheita deve se intensificar no final de maio. Em março, o volume ofertado no Vale do São Francisco não foi suficiente para abastecer o mercado local, alavancando os preços do produto. Além da escassez da cebola, as de janeiro e fevereiro deste ano continuaram prejudicando a qualidade do bulbo durante o

último mês, valorizando o produto superior. Dessa forma, os valores recebidos pelos beneficiadores da região, pela ipa de melhor qualidade, atingiram picos de R\$ 17,50/sc de 20kg, em meados março.



Volume estocado em SC é alto

Em Santa Catarina, o volume de cebola estocado nos armazéns locais até meados de março ainda era grande, representando cerca de 30% a 40% do total produzido na região. Segundo agentes locais, a qualidade do bulbo é razoável e somente alguns lotes, prejudicados por bacterioses, se encontram em fase de apodrecimento. Porém, vale lembrar que as perdas deste ano foram menores que as da safra passada, quando o prejuízo chegou a cerca de 60% do total colhido. Nesta fase de comercialização - cerca de três meses após a colheita -, as perdas nas beneficiadoras ficam entre 10% e 20%.



Preços da crioula 33% mais baixos em março

Preços médios recebidos pelos produtores em Ituporanga (SC) pela cebola crioula - R\$/kg

Fonte: Cepea

Pouco mamão em abril!

Excesso de frutos verdes nas lavouras deve limitar a colheita neste mês



Clima deve orientar colheita

De acordo com a expectativa dos produtores de mamão, a oferta da fruta em abril deve continuar baixa. No final de março, a maior parte dos frutos disponíveis nas lavouras estava verde e miúdo, precisando de, pelo menos, 15 dias para atingir o ponto ideal de colheita. Desse modo, espera-se que a produção do fruto aumente apenas entre o final de abril e o início de maio. Entretanto, a maturação do fruto deve-se manter atrelada às condições climáticas nas lavouras e, caso as chuvas continuem, o período de amadurecimento poderá se estender.



Colhendo o que foi plantado

No mês de março, a oferta de mamão nas roças do Espírito Santo, do sul e oeste da Bahia foi muito baixa. Além da redução da área plantada, devido à desvalorização do produto no último ano, a queda na produção esteve relacionada ao alto

índice de abortamento floral verificado entre os meses de dezembro de 2003 e janeiro de 2004. A queda dessas flores pode ter sido promovida pelas fortes chuvas registradas nestas regiões nesse período, pela falta de nutrientes na planta ou até mesmo pela combinação desses dois fatores. Além disso, a continuidade de fortes precipitações entre os meses de fevereiro e março reduziu ainda mais a oferta nestas regiões. Essas chuvas causaram o encharcamento do solo e das plantas, criando condições favoráveis ao desenvolvimento de fungos e doenças. Diante de uma colheita tão baixa, a fruta se valorizou sensivelmente em março e chegou a ser comercializada, na roça, a preços quase duas vezes maiores que os registrados em fevereiro. No oeste da Bahia, por exemplo, o havaí tipo [12-18] chegou a ser vendido a R\$ 1,40/kg em março.

São Pedro castiga mais a safra capixaba

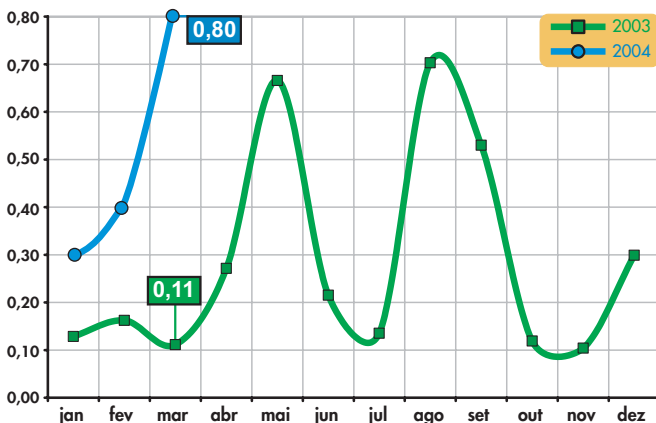
A região produtora de Linhares (ES) foi a região mais prejudicada pela chuva. Segundo dados do CPTEC/INPE, o volume de precipitações acumulado na região, em março, foi de 250 mm, cerca de 112% superior ao registrado no mesmo período de 2003. As chuvas e os ventos derubaram flores e frutos e, as enxurradas foram tão fortes que chegaram a arrastar plantas inteiras. Entretanto, o maior prejuízo ocasionado pelo mau

tempo foi o aumento da incidência de doenças. Em alguns casos, os danos foram tantos que os frutos tiveram que ser descartados. As enfermidades observadas com maior frequência nas roças foram a *phythophthora*, a antracnose e a mancha chocolate. A incidência dessas patologias prejudicou a exportação, já que poucos frutos conseguiam atender às exigências fitossanitárias do mercado internacional.



Mercado internacional pede mais

Diante dos contratemplos observados nas lavouras nacionais, os exportadores brasileiros não conseguiram atender a toda a demanda norte-americana e europeia, em março. Os frutos não atingiram o padrão fitossanitário exigido pelo mercado internacional e, assim, não foram embarcados. Outros fatores que acabaram afetando as exportações do mamão foram a greve dos fiscais do Ministério da Agricultura e o surgimento da "gripe do frango", na Ásia. Diante da paralisação dos fiscais, muitas cargas não receberam a certificação necessária para entrar nos Estados Unidos, de modo que os pedidos daquele país não puderam ser atendidos durante alguns dias de março, diminuindo o volume exportado. No caso da "gripe do frango", na Ásia, a procura pela carne de boi e de frango brasileira aumentou significativamente, elevando a concorrência pelo espaço aéreo e, dificultando as exportações do mamão.



Menor oferta valoriza mamão em março

Preços médios recebidos pelos produtores capixabas pelo mamão havaí (12-18) - R\$/kg

Fonte: Cepex

OS CAMINHOS DOS HORTIFRUTÍCOLAS

Para chegar em São Paulo, os hortifrutícolas pagam um preço alto. Enfrentam buracos ou pedágios.

Por **Rafaela Cristina da Silva, Cinthia Antoniali Vicentini e Daiana Braga**

Buracos, falta de iluminação, pouca segurança, fretes caros e pedágios. Estes são alguns dos obstáculos enfrentados pelos hortifrutícolas no caminho até capital de São Paulo.

De olho no impacto desses fatores sobre o escoamento e o custo final do produto, a **Hortifruti Brasil** traçou as principais rotas utilizadas no transporte de nove hortifrutícolas (banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, tomate e uva) até a capital paulista e avaliou a qualidade dessas estradas. A pesquisa ouviu 116 agentes do setor e identificou as melhores e piores rodovias do país para os hortifrutícolas.

De modo geral, todos os agentes entrevistados reclamaram dos custos do frete. Enquanto que nas melhores estradas os altos pedágios elevam as despesas do setor, nas piores, são os buracos e a falta de segurança que reduzem a competitividade.

Aproximadamente 43% dos entrevistados pela **Hortifruti Brasil** declararam que a condição das estradas está de ruim à péssima (notas entre 1 e 3, no intervalo de 1 a 5). Os 57% restantes acreditam que as vias estão em boas condições (notas de 4 a 5). Essa divisão de opiniões está relacionada ao trajeto considerado por cada entrevistado. Na maioria dos casos, o envio da produção do Nordeste para São Paulo se mostrou mais precário que o de regiões do Sudeste para a capital. No segundo caso, a maior parte do percurso é realizada em rodovias administradas por concessionárias privadas, onde a qualidade das estradas em geral é boa, mas os pedágios caros.



Classificação das Estradas:

Nota 1 - Estrutura precária: a estrada não é totalmente asfaltada e possui trechos com muitos buracos, atrasando a viagem em até um dia em comparação ao trajeto em vias de boa qualidade.

Nota 2 - Estrutura baixa: buracos, pouco acostamento, postos policiais insuficientes para garantir a segurança, nenhuma iluminação e sinalização limitada.

Nota 3 - Estrutura média: apesar dos poucos buracos, a segurança é precária e a iluminação deixa a desejar. Mais da metade do trajeto possui pista dupla.

Nota 4 - Estrutura média/elevada: nenhum buraco, porém com asfalto irregular em alguns trechos e pouca segurança. A maior parte do percurso é feita em pista dupla e a sinalização é boa.

Nota 5 - Estrutura elevada: ótima qualidade de asfalto e pista totalmente duplicada; boa segurança e excelente iluminação.

AS MELHORES ESTRADAS

As melhores rodovias brasileiras, segundo os entrevistados, são a Washington Luiz (São José do Rio Preto/SP - Cordeirópolis/SP), Bandeirantes (Cordeirópolis/SP - São Paulo/SP), Anhanguera (Uberlândia/MG - São Paulo/SP) e Castelo Branco (Espírito Santo do Turvo/SP - São Paulo/SP). Todas receberam nota superior a 4,5, numa escala de 1 a 5 (veja a classificação das notas no início da matéria).

O único inconveniente dessas estradas mencionado por esses agentes é o alto valor dos pedágios, que encarecem o frete e elevam o custo agregado ao hortifrutícola. Por outro lado, o transporte pelas estradas pedagiadas e em boas condições garante rapidez ao escoamento da produção e, conseqüentemente, a chegada de um produto mais fresco nas gôndolas dos supermercados e feiras livres. Para dimensionar o encarecimento do frete gerado pelos pedágios, a **Hortifruti Brasil** comparou o custo do transporte, em kg/km, do melão de Mossoró (RN) e do tomate de Itapeva (SP) ambos com destino

à capital paulista. No caso do melão, o custo do quilômetro rodado através da BR 101 - considerada uma das piores vias, na entrevista - é cinco vezes menor que o do tomate, pela Castelo Branco. Além do custo do pedágio, a diferença de valor entre as duas rotas deve-se também ao fato de que quanto maior a distância menor o custo por km rodado.

Contudo, não se pode perder de vista que quanto maior a distância percorrida, principalmente em condições precárias, maiores serão os gastos indiretos como o desgaste do caminhão e a segurança do produto e do condutor. A distância de Mossoró (RN) a São Paulo é de 3 mil quilômetros, enquanto Itapeva (SP) encontra-se a 250 quilômetros da capital.

AS MELHORES ROTAS ATÉ SÃO PAULO

Produto	Origem	Estrada Principal	Nota*
Banana	Janaúba (MG)	Rod. Fernão Dias/BR-381	4
Cebola	Divinolândia (SP)	Rod. Bandeirantes	4
Citros	São Carlos (SP)	Rod. Washington Luiz	4,5
Mamão	Luis Eduardo Magalhães (BA)	BR-020	4
Tomate	Itapeva (SP)	Rod. Castelo Branco	4,5
Uva	São Miguel Arcanjo (SP)	Rod. Bandeirantes	5
Manga	Monte Alto (SP)	Rod. Washington Luiz / Rod. Bandeirantes / Rod. Anhanguera	4,6
Batata	Triângulo Mineiro (MG)	Rod. Anhanguera	4,5

* Veja a classificação das notas na pág. 7.

Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea

NA MAIORIA DOS CASOS, É O COMPRADOR QUEM GARANTE A ENTREGA DO PRODUTO

	Produtor	Beneficiador	Atacadista
Tomate	23,5%	-	76,5%
Batata	47%	42%	32%
Cebola	-	46%	53%
Manga	12,5 %	62,5%	25%
Melão	100%	-	-
Uva	27,3%	-	63,60%
Mamão	92,3%	7,7%	-
Banana	36,8%	11,2%	52%
Citros	-	87,5%	12,5%

Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea

QUEM É O RESPONSÁVEL PELO TRANSPORTE?

A responsabilidade pelo envio dos hortifrutícolas até o atacado varia de acordo com o produto e pode ficar a cargo do produtor, do beneficiador ou do atacadista. Na maioria dos casos, é o atacadista ou o beneficiador que se encarrega da logística do produto.

Apenas nos casos do melão e do mamão, a maioria dos fretes fica sob responsabilidade do produtor. Para essas frutas, respec-

tivamente, 100% e 92,3% dos entrevistados informaram que a saída do produto da roça e sua chegada na Ceagesp é administrada pelo agricultor. Isso ocorre porque não há beneficiadores independentes para organizar a logística desses produtos. Eles são colhidos e embalados na própria fazenda; os produtores os enviam para a Ceagesp a granel e o custo do transporte é incorporado ao valor de venda.

A TERCEIRIZAÇÃO É A GRANDE

	Agente	Utilizador	Produto
Tomate			
Manga			
Banana			
Batata			
Mamão			
Cebola			
Melão			
Uva			
Citros			

Fonte: H

AS PIORES ESTRADAS

As rodovias que receberam as piores notas foram a BR-101 e a BR-116, ambas federais e as mais extensas do país. A BR-116 tem 4.489 quilômetros de extensão e a BR-101, 4.125 quilômetros. Os entrevistados informaram que, nessas vias, as condições de tráfego para caminhões são muito ruins, principalmente entre a região Nordeste e a capital paulista. Em vários trechos, as pistas estão esburacadas, não há sinalização, os acostamentos estão danificados e o risco de assaltos é grande.

Os resultados dessa pesquisa apontam que no futuro a BR - 101 e 116 podem não comportar adequadamente o escoamento da oferta da fruticultura irrigada do nordeste em

direção à São Paulo

Para piorar ainda mais a infra-estrutura das estradas nordestinas, as fortes chuvas que atingiram a região no início do ano danificaram as pistas e comprometeram o tráfego. Segundo o Departamento de Edificações Rodovias e Transportes (Dert), que administra algumas rodovias da região, muitas estão com pontes quebradas, trechos com atoleiros, buracos, bueiros danificados, queda de barreiras, rompimento de aterro, erosões e bases e drenagens desmoronadas. Como até o final de março os problemas não haviam sido totalmente solucionados, os produtores passaram a utilizar rotas alternativas a fim de manter a regularidade da entrega do produto.

A má qualidade das rodovias também eleva os custos e as perdas do setor, principalmente quando há atraso na entrega. Além de interferir no planejamento de venda dos atacadistas na Ceagesp, o prolongamento da viagem reduz o tempo de prateleira do produto, forçando sua rápida comercialização.

AS PIORES ROTAS ATÉ SÃO PAULO

Produto	Origem	Estrada Principal	Nota*
Banana	Miracatú (SP)	BR 116/ Rod. Régis Bittencourt	2
Cebola	Irecê (BA)	BR-116	1
Mamão	Itabela (BA)	BR-101	1
Melão	Mossoró (RN)	BR-101	1
Tomate	Caçador (SC)	BR-116	2
Uva	Petrolina(PE)/Juazeiro(BA)	BR-116	1
Manga	Petrolina(PE)/Juazeiro(BA)	BR-116	1,5
Batata	Pouso Alegre (MG)	Rod. Fernão Dias	2,5

* Veja a classificação das notas na pág. 7.

Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea

OPÇÃO DO TRANSPORTE E OPÇÃO DO SETOR

Agentes que utilizam frota própria	Agentes que terceirizam o transporte
41%	59%
2,5%	87,5%
1,6%	68,4%
5,5%	54,5%
8,5%	61,5%
23%	77%
-	100%
3,6%	36,4%
7,5%	62,5%

FROTA TERCEIRIZADA É A PREFERÊNCIA DO SETOR

Para transportar os hortifrutícolas das roças à Ceagesp, a maioria dos entrevistados afirmou utilizar frotas terceirizadas. Apenas para a uva, o mais comum é o uso de caminhões próprios dos atacadistas. Nesse caso, a oferta de vários pequenos produtores é reunida numa única carga, e os atacadistas passam pelas propriedades recolhendo a fruta.

O principal motivo que leva os responsáveis pelo transporte a preferir a terceirização são os altos custos envolvidos na conservação da frota (estrutura adequada, manutenção do caminhão, impostos) e as despesas com mão-de-obra. Além disso, os agentes acreditam que a

quantidade de empresas de terceirização é suficiente para atender à demanda do setor.

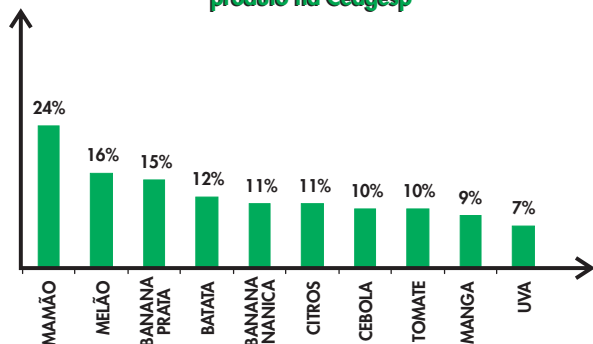
A maioria dos caminhões utilizados nesse transporte possui três eixos e poucos têm câmaras frias. Dos nove produtos pesquisados (banana, batata, cebola, citros, mamão, manga, melão, tomate e uva), apenas três - banana, uva e melão - são enviados para a capital paulista em caminhões refrigerados. Ainda assim, não mais que 10% dessas cargas são transportadas desse modo. Para o melão amarelo, o transporte frigorificado se restringe a épocas em que a fruta está frágil e mais susceptível a doenças

A CONTA É ALTA

O frete é um dos importantes itens que compõem o preço final do produto no atacado. Para a maioria dos hortifrutícolas pesquisados, a participação do frete sobre o preço negociado na Ceagesp é de aproximadamente 13%. De modo geral, essa porcentagem varia, ao longo do ano, de acordo com o valor final do produto. Como os custos com o frete oscilam menos que o valor dos hortifrutícolas, em período de pico de safra, quando o preço do produto cai, a participação do frete tende a ser maior, e quando baixa oferta, menor.

No caso do mamão, o frete coletado em março pela **Hortifruti Brasil** representou mais de 24% do valor médio do produto comercializado na Ceagesp. Isso porque o aumento do volume ofertado e a redução da demanda vêm desvalorizando o fruto e aumentando a representatividade do frete sobre o preço no

Participação (%) do frete no preço final do produto na Ceagesp



Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea

atacado, nos últimos anos. Nessas situações de elevada oferta e difícil escoamento, torna-se caro para o consumidor arcar com essas despesas e, assim, a conta acaba sobrando para o produtor.

Outra consideração importante é o ganho de escala por quilômetro rodado no frete dos hortifrutícolas. Quanto maior a distância percorrida menor o custo por quilômetro rodado. Na média, segundo os dados coletados pela **Hortifruti Brasil**, o frete por quilômetro pode custar três vezes mais quando a distância for seis a sete vezes menor. No caso do tomate, o frete até São Paulo, numa distância de 100 km, sai por R\$ 0,40/km a tonelada; para 1.000 km, o custo desse transporte cai para R\$ 0,15/km por tonelada. O trajeto mais longo avaliado pela revista foi de 3.300 km, que liga a região produtora de melão no Rio Grande do Norte a São Paulo. Avaliando por produto, o tomate e o mamão apresentam os fretes mais caros por quilômetro rodado, enquanto a cebola tem um dos mais em conta.

Entretanto, o maior valor do frete, muitas vezes, não é garantia de melhores condições de transporte. Em meio à competição das transportadoras, muitas em-

PREÇOS MÉDIOS DO FRETE DOS HORTIFRUTÍCOLAS ATÉ SÃO PAULO (CAPITAL)

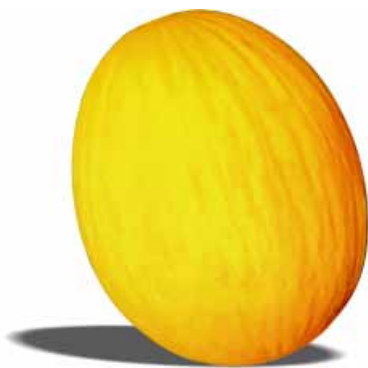
Hortifrutícola	Origem	Valor (R\$) em março
Banana Prata (cx de 20 kg)	Janaúba (MG)	2,70
	Montes Claros (MG)	2,25
Banana Nanica (cx de 22 kg)	Miracatú (SP)	1,00
	Araxá (MG)	5,00
Batata (sc de 50 kg)	Goiânia (GO)	4,75
	Guarapuava (PR)	5,50
	Perdizes (MG)	4,50
	Poços de Caldas (MG)	2,00
	Pouso Alegre (MG)	2,25
	Santa Juliana (MG)	5,00
	São Gotardo (MG)	5,00
	Triângulo Mineiro (MG)	5,00
Cebola (sc de 20 kg)	Divinolândia (SP)	0,93
	Irecê (BA)	2,50
	Ituporanga (SC)	1,32
	Monte Alto (SP)	0,90
	Petrolândia (SC)	1,40
Citros (cx de 27 kg)	Piedade (SP)	0,40
	São José do Norte (RS)	1,70
	Itápolis (SP)	1,44
	Limeira (SP)	0,77
	São Carlos (sp)	1,11
	Taquaritinga (SP)	1,50
	Tatuí (SP)	1,10
	Ubirajara (SP)	1,76
Mamão (ton)	Barreiras (BA)	125,00
	Itabela (BA)	100,00
	Linhares (ES)	100,00
	Luis Eduardo Magalhães (BA)	112,50
Manga (kg)	Pinheiros (ES)	108,33
	Teixeira de Freitas (BA)	100,00
Melão (kg)	Monte Alto (SP)	0,08
	Petrolina/Juazeiro (PE)	0,21
Tomate (cx de 23 kg)	Juazeiro (BA)	0,16
	Mossoró (RN)	0,18
	Apiá (SP)	1,95
	Caçador (SC)	2,50
	Itapeva (SP)	1,48
Uva (kg)	Ribeirão Branco (SP)	1,50
	Sumaré (SP)	0,90
	Venda Nova do Imigrante (ES)	2,00
Uva (kg)	Pilar do Sul (SP)	0,11
	São Miguel Arcanjo (SP)	0,13

Fonte: Hortifruti Brasil/Cepea

presas terceirizadas acabam excedendo na quantidade de carga ou buscando rotas alternativas para fugir de pedágio, o que prejudica ainda mais a qualidade do produto transportado. Assim, os investimentos tecnológicos dos agricultores na produção e na pós-colheita se perdem no meio do caminho, antes de chegar ao consumidor final. ■

Sim, nós temos melão!

Vencendo as adversidades climáticas, os produtores do Vale do São Francisco iniciam a safra em abril



Começa a colheita no Vale do São Francisco

Em abril, os produtores do Vale do São Francisco, principalmente nas cidades de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), devem iniciar a colheita de melão amarelo. Entretanto, o volume ofertado nessas regiões ainda será baixo neste mês, visto que nem todos os produtores iniciam sua safra nesta época. Nos primeiros meses de colheita, a qualidade do fruto não costuma ser satisfatória, melhorando à medida que as condições climáticas favoreçam a uniformidade da maturação. Geralmente, a safra dessa região começa em março, mas as chuvas que atingiram a região no início do desenvolvimento da planta atrasaram as atividades nas lavouras locais. Os produtores do Vale do São Francisco iniciaram o plantio de melão amarelo no final de dezembro de 2003, prevendo a finalização antecipada da safra de Mossoró (RN). Porém, as chuvas do mês de janeiro deste ano destruíram praticamente todas as lavouras do Vale do São Francisco, causando prejuízos enormes aos agricultores. Alguns decidiram não realizar novos plantios por falta de recursos financeiros. Outros insistiram no cultivo do melão e reiniciaram o preparo da terra em meados de fevereiro. Em março, houve falta de melão no mercado, valorizando a fruta e estimulando os produtores a aumentar a área plantada, na expectativa de maiores lucros. Como o ciclo da cultura tem duração de aproximadamente dois meses, o melão

plantado em fevereiro deve ser colhido em abril, caso o clima seja favorável.

Mossoró encerra safra com saldo positivo

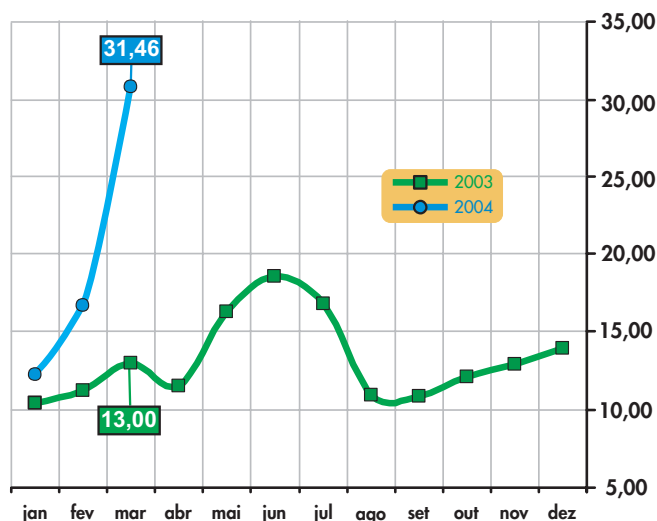
Mesmo com a baixa produtividade registrada na última safra, produtores de melão da Chapada do Apodí (RN) e Baixo Jaguaribe (CE) se mostraram satisfeitos com os valores obtidos em março. As lavouras voltadas ao mercado interno costumam produzir aproximadamente 2.000 caixas de 13 kg/ha em épocas normais. Contudo, no final da safra esse número caiu para 700 caixas de 13 kg/ha, em média, devido ao excesso de chuva no início do ano. No entanto, o preço recebido compensou a baixa produtividade. De acordo com agentes do setor, se for considerado um valor médio de R\$ 12,00/cx de 13 kg ao longo da safra (ago/fev), a rentabilidade do produtor fica a R\$ 7,00/cx. Na última semana de março, os valores pagos ao produtor ficaram a R\$ 31,00/cx de 13 kg, em média, garantindo-lhe um retorno líquido quase 5 vezes maior. Devido a esses elevados preços e a diminuição das chuvas em março, alguns produtores de Mossoró (RN) decidiram continuar cultivando o produto, contribuindo para o aumento na oferta em abril. Assim, o valor praticado tende a cair, pois qualquer caminhão extra que chegue ao mercado será suficiente para baixar os preços. Além disso, a che-

gada do outono e a redução das temperaturas no Sudeste podem inibir o consumo de frutas, dificultando as vendas de grandes quantidades do produto.



Mas e os preços?

Apesar dos produtores de melão amarelo do Vale do São Francisco preverem queda nos preços da fruta na nova safra (abril/junho), o patamar deve se manter acima dos observados nesta mesma época de anos anteriores. A escassez de melão no mês passado gerou fatos incomuns na comercialização do produto. Atacadistas da Ceagesp, por exemplo, afirmaram que não se lembram de ter passado por uma situação de tão baixa oferta de melão no mercado. Com isso, os preços bateram recordes, chegando a valores próximos a R\$ 50,00/cx de 13 kg para o melão amarelo, tipo 5 a 8, no atacado de São Paulo, em março.



Preços param de subir em abril

Preços médios recebidos pelos produtores de Mossoró (RN) pelo melão amarelo, tipo 6 - R\$/cx de 13kg

Fonte: Cepea

Exportações em baixa

Queda na produção e greve de fiscais prejudicam os embarques da fruta no primeiro trimestre



Menos manga e menos embarques

O atraso das induções florais no eixo Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) e em Livramento do Brumado (BA), em função das chuvas atípicas em janeiro, deve continuar limitando a oferta da manga nessas regiões, em abril. Agentes estimam que somente 20% das lavouras do Nordeste estejam florescendo normalmente. Diante da baixa oferta da fruta, os produtores/exportadores nordestinos estão reunindo a oferta de várias propriedades para completar um contêiner, mas a baixa qualidade da fruta - que não atinge o padrão internacional - tem dificultado sua valorização. De acordo com os dados da Secex, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2004, o Brasil exportou 5.171 toneladas da fruta, cerca de 21% a menos que o enviado ao mercado externo no mesmo período de 2003. Em março, a greve dos fiscais federais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

também dificultou os embarques da fruta. Durante a segunda quinzena do mês, os agentes diminuíram o número de cargas liberadas e a fruta só pode ser embarcada diante de um mandado fornecido pela Justiça Federal brasileira. Logo na primeira semana de abril, os fiscais do Ministério da Agricultura aceitaram uma proposta do governo, que atende a maioria das suas exigências e retomaram as atividades. Entretanto, caso o governo não cumpra essa proposta até dezembro deste ano, os fiscais podem voltar a paralização.

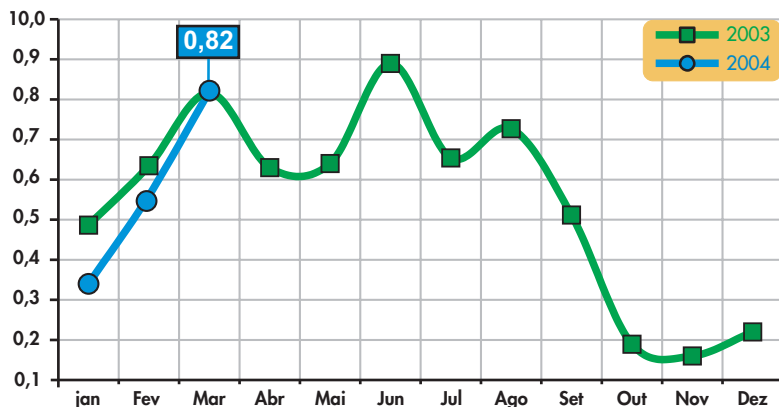
Aumenta a briga!

Neste mês, a competição da manga no mercado europeu deve se tornar mais acirrada. Apesar do término das exportações do Peru àqueles países, Israel e a Costa do Marfim devem começar a enviar a fruta à Europa. A saída para obtenção de maiores lucros é o mercado interno, que se encontra com preços mais atrativos. Na primeira semana de

abril, a tommy foi comercializada a R\$ 0,89/kg, em média, nas roças nordestinas. Segundo os produtores daquela região, a oferta da manga tanto no mercado interno quanto no externo deve ser expressiva no final de abril, época em que os pés da fruta devem estar

Termina a safra de Monte Alto

produzindo uma maior quantidade. Contudo, os produtores acreditam que a partir de meados de maio, pode voltar a faltar a fruta, devido ao baixo índice de floração nos meses anteriores. Apesar dos preços da palmer produzida na região de Monte Alto (SP) terem encerrado a safra em alta - preço médio de R\$ 0,94/kg na segunda quinzena de março -, os valores médios recebidos pelos produtores neste ano foram de R\$ 0,25/kg. A desvalorização da fruta se deve ao grande volume ofertado na região nesta safra. Entretanto, os poucos produtores que ainda dispunham de algum volume no final da produção obtiveram preços melhores. Em Taquaritinga (SP), por exemplo, a palmer chegou a ser vendida a R\$ 1,35/kg, na roça, em março, apresentando preços superiores que na mesma época na safra anterior. A valorização da fruta no final da colheita esteve atrelada à excelente qualidade alcançada no período, sendo que algumas caixas chegaram a ser exportadas para a União Européia. No caso da keitt, os últimos produtores devem encerrar a colheita da fruta na primeira semana de abril. Ao contrário da palmer, essa variedade apresentou significativa valorização nesta safra, em relação à anterior. Em abril, a maioria dos produtores paulistas deve realizar a limpeza dos pomares, preparando-os para a próxima safra.



Qualidade inferior da dificultou as negociações da tommy

Preços médios recebidos pelos produtores do Vale do São Francisco pela tommy, na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea



Mais uva no mercado

Paraná e Nordeste voltam a colher e podem reduzir os preços em abril



Paraná volta ao mercado

A partir de meados de abril, a oferta de uva no Paraná deve aumentar significativamente. Acredita-se que nesta safra - abril/julho - as negociações serão boas. A maior parte da produção não teve problemas com o clima, apresentando alta produtividade e boa qualidade. Além disso, os custos com a produção, principalmente os fitossanitários, foram menores neste ano, se comparados aos do mesmo período de 2003. Com o menor volume de chuvas em janeiro e fevereiro, a proliferação do fungo míldio e o apodrecimento dos frutos foram menores. Apenas em alguns casos, a forte seca nos dois primeiros meses do ano trouxe prejuízos aos parreirais que estavam em final de frutificação, acarretando num lote com bagas miúdas. Entretanto, de modo geral, os cachos estão carregados. Estima-se que cerca de 25% da produção de Marialva (PR) será colhida em abril. Já em Rosário do Ivaí (PR), região produtora da uva niagara, a previsão de colheita é para maio.

Qualidade da fruta preocupa nordestinos

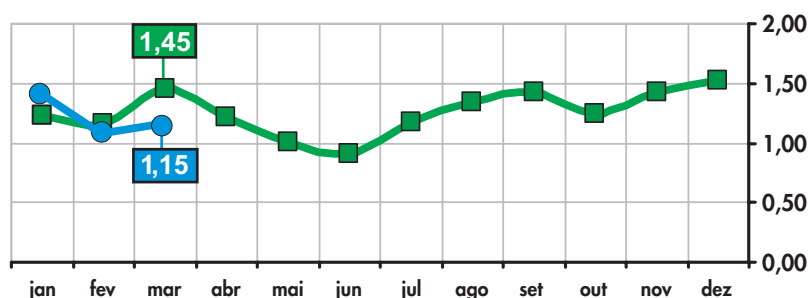
Em abril, praticamente todos os produtores de Petrolina (PE) e de Juazeiro (BA) voltam a colher a uva, visando, principalmente, ao mercado externo. Os primeiros embarques começaram em 6 de abril e devem se estender até meados de junho. A preocupação desses agentes é com a qualida-

de da fruta, que foi bastante prejudicada pelas chuvas e pelo clima quente e úmido registrado na região em março. Segundo informações locais, os cachos estão com baixa qualidade e muitos apresentam desuniformidade e pouca resistência. Além disso, a proliferação do fungo míldio nas lavouras locais exigiu o aumento de aplicações de defensivos nestes primeiros meses do ano, ocasionando manchas nas bagas. Pelo que tudo indica, o volume a ser exportado, nesta primeira janela - abril/junho -, será bem menor que o previsto inicialmente pelos agentes locais. Por esse motivo, a oferta de uva no mercado interno deverá ser maior, podendo desvalorizar o produto no mercado brasileiro.

Parreiras paulistas entram em descanso

A partir de abril, as parreiras de São Miguel Arcanjo (SP) e Pilar do Sul (SP) entram em período de descanso e a poda de formação deve ocorrer entre agosto e outubro. Apesar dos preços terem permanecido abaixo do desejado pelos produtores ao longo de toda a colheita, acredita-se que os valores recebidos foram suficientes para cobrir os gastos

investidos na produção, uma vez que ocorreram perdas significativas nas lavouras neste ano. Na safra anterior, produtores dessas regiões enfrentaram sérios problemas com o clima, que reduziu significativamente a produção e antecipou o término da colheita para março, impulsionando o preço da fruta naquele mês. Em 2004, a safra transcorreu normalmente, tanto em termos de volume quanto de qualidade, mantendo os preços estáveis. Apesar do período chuvoso nos primeiros meses do ano ter prejudicado a qualidade da uva, a fruta pode se recuperar, mantendo seu padrão e produtividade. Assim, a colheita e oferta se mantiveram boas até o mês de abril - período considerado final de safra na região. Neste ano, em função das podas atrasadas, acredita-se que cerca de 30% do volume de uva será colhido em abril. Com o início da safra paranaense previsto para o mesmo período, agentes acreditam que os preços da uva devem ser pressionados pela maior oferta.



Itália se mantém estável em março

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva itália - R\$/kg

Fonte: Cepea

Aumenta a oferta de prata em Minas



Com o atraso da produção local, os bananicultores do norte de Minas devem intensificar a colheita da prata somente neste mês



Agora vai!

Contrariando a expectativa dos agentes locais, a safra de banana prata no norte de Minas Gerais deve aumentar apenas neste mês. Os produtores esperavam que as primeiras frutas pudessem ser colhidas logo no final de março, mas adversidades climáticas acabaram atrasando a safra local. Assim, o pico de colheita de prata na região está previsto para meados de abril. Com a maior oferta neste mês agentes estimam que os preços locais possam ser pressionados. Entretanto, consideram também que a produção de prata no Vale do Ribeira (SP) deve continuar baixa em abril, garantindo a venda da prata local e contribuindo com melhores preços para a fruta. Em março, a média de preços da prata mineira no norte de Minas foi de R\$ 16,00/cx 20 kg, cerca de 14% acima das cotações verificadas no mesmo período de 2003.

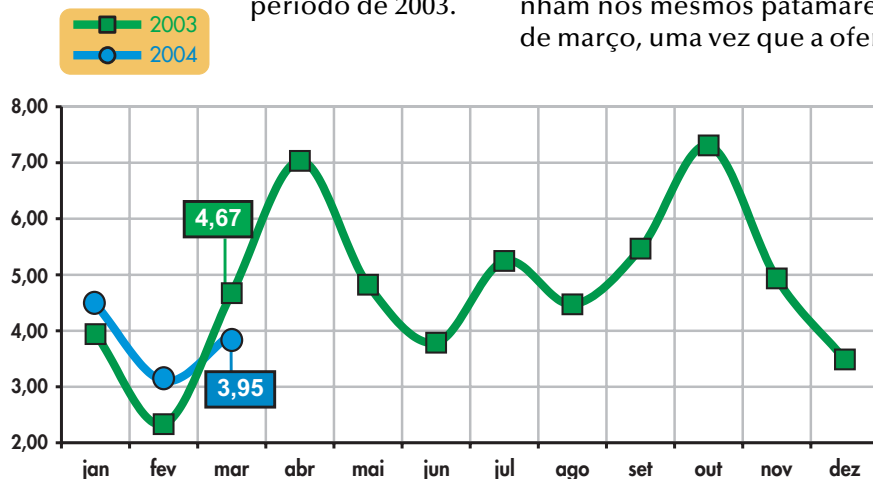
Falta banana no Vale do Ribeira

Assim como no mês anterior, o volume de nanica e prata ofertado no Vale do Ribeira (SP) deve ser baixo em abril. Para a prata, bananicultores paulistas acreditam que a colheita deva se intensificar somente no segundo semestre. Mesmo com a previsão de menor oferta, a expectativa dos agentes não é de melhores preços para este mês. Com a previsão de aumento da oferta de prata mineira - principal concorrente da banana paulista -, o volume disponível no mercado deve se manter elevado, limitando as vendas da prata paulista. Em março, a prata do Vale do Ribeira foi comercializada a R\$ 14,42 /cx 20 kg, em média, na roça, valor 32% superior ao registrado no mesmo período de 2003. Já para a nanica, a expectativa dos bananicultores paulistas, em abril, é de que os preços se mantenham nos mesmos patamares de março, uma vez que a ofer-

ta dessa banana ainda é pequena. Além disso, as perdas de produção registradas entre os municípios de Sete Barras (SP) e Eldorado (SP) - importantes áreas de produção de nanica -, no início de março, podem prejudicar a colheita dessa variedade no segundo semestre. Segundo os bananicultores paulistas, fortes ventos derrubaram cerca de 3 milhões de pés nessas regiões, em fevereiro. Em março, a nanica do Vale do Ribeira foi comercializada a R\$ 6,70/cx 22 kg, em média, nas lavouras da região, 16% abaixo do praticado no mesmo período do ano anterior.

Nanica só em maio

Em abril, a oferta de banana nanica deve permanecer baixa no norte catarinense, já que o início da safra na região está previsto apenas para o final de maio. Assim, agentes acreditam que os preços da fruta devam ser impulsionados, neste mês, em virtude da menor oferta. Em março, as vendas dessa variedade foram prejudicadas pela greve dos fiscais do Ministério da Agricultura do posto localizado em Dionísio Cerqueira (SC) - principal saída da banana brasileira para o Mercosul. Os agentes federais realizaram "operações tartaruga" e chegaram a paralisar as atividades por alguns dias, prejudicando a liberação dos carregamentos de banana para Argentina e Uruguai. Para abril, a previsão é de que as atividades nos postos de fiscalização sejam regularizadas, garantindo o escoamento da produção.



Baixa oferta sustenta preços da nanica catarinense

Preços médios recebidos pelos produtores catarinenses pela nanica - R\$/cx 22 kg

Fonte: Cepea



É a vez das precoces

A colheita das primeiras frutas da safra 2004/05 deve se intensificar em abril



Vai uma laranja aí?

Em abril, a oferta de laranja no mercado interno deve aumentar, à medida que boa parte dos produtores intensifica a colheita das precoces nesse período. Essas frutas começaram a ser colhidas ainda na primeira quinzena de março, porém em volume muito baixo. As variedades colhidas no período são a hamlin, westing, baia, poncã e cravo. Para a hamlin, os agentes prevêem uma boa colheita neste ano, visto que a florada e o "pegamento" nesses pomares foram considerados bons. A maior parte dessas laranjas - assim como a westing - é destinada ao processamento e algumas frutas já estão sendo comercializadas no portão da indústria. É válido observar que, com exceção da poncã, todas as precoces iniciaram a safra 2004/05 com preços inferiores àqueles registrados no mesmo período do ano anterior. Os agentes do setor acreditam que essa desvalorização do produto esteja relacionada ao desaquecimento da demanda e a maior oferta em 2004.

Março termina com poucos contratos

Até o final de março, o volume de contratos de longo prazo renovados pelas processadoras paulistas ainda era baixo. Segundo os produtores, apesar da procura dos industriais ter se intensificado no último mês, pouquíssimos contratos foram firmados. No final de 2003, algumas unidades já haviam realizado compras para os próxi-

mos três anos, ao redor de US\$ 3,00/cx de 40,8 kg, posto na indústria. Neste ano, até março, alguns negócios foram fechados a US\$ 2,50 e US\$ 2,75/cx de 40,8 kg, posto na indústria. Entretanto esses negócios diferem do padrão da indústria, pois o primeiro é referente a negócios com frutas precoces e o segundo é válido apenas para uma safra. Os valores dos contratos antigos, negociados desde 2002 e ainda válidos em 2004, oscilam entre US\$ 2,80 e 3,80/cx de 40,8 kg. De acordo com os processadores, a indefinição do volume a ser produzido na safra 2004/05 e a incerteza dos efeitos da produção da Flórida no mercado externo ainda dificultam o estabelecimento de novos contratos para os próximos anos. Várias derriças já foram realizadas pelas processadoras no estado e um número consistente sobre o volume a ser colhido em São Paulo deve ser divulgado somente em maio. O consenso do setor é que a safra 2004/05 é maior que a anterior, porém ainda não se sabe quanto.

De olho no tempo

Com a redução das chuvas na região Sudeste, em março, os produtores paulistas voltam a se preocupar com a disponibilidade de água nos pomares. Segundo dados do CPTEC/INPE, o volume de chuvas acumulado nas principais regiões produtoras do estado de São Paulo, em março, ficou entre 25 e 150 mm, enquanto em fevereiro, a quantidade acumulada em algumas regiões foi de

PRECOSES ENTRAM NO MERCADO (R\$/cx)

Preços médios recebidos pelos produtores pela fruta na árvore, em março

Variedade	03/2004	03/2003	Var%
hamlin	8,21	12,35	-33,5%
westing	8,20	13,14	-37,6%
baia	12,88	16,28	-20,9%
poncã	12,13	8,42	44,1%
cravo	5,42	9,34	-42,0%

Os preços da poncã e da baia se referem à embalagem de 27kg e, os das demais à caixa de 40,8kg

Fonte: Cepea

300 mm. Para abril, a expectativa do CPTEC/INPE é de que o volume médio de chuvas no cinturão citrícola seja de aproximadamente 200 mm.

Tahiti é recorde em exportações

As exportações do limão tahiti registraram crescimento de 100% nos últimos dois anos, garantindo a hegemonia do produto nacional na União Européia - que absorve 95% do total exportado pelo Brasil. O bom desempenho das vendas externas está relacionado à competitividade da fruta nacional frente a outras origens e à boa aceitação do tahiti pelo consumidor europeu. Entretanto, o aumento dos embarques tem pressionado as cotações do limão brasileiro na Europa, principalmente durante o pico de safra do tahiti paulista - entre janeiro e março. Nesse período, a fruta brasileira foi cotada a valores 30% inferiores àqueles verificados há um ano, segundo dados do Porto de Roterdã, na Holanda. Para abril, a tendência é de valorização da fruta no mercado externo, uma vez que o volume a ser colhido em São Paulo deve ser menor, sem, contudo, interromper os embarques da fruta.



Necessidade de especialização

Prof. Dr. José Vicente Caixeta Filho (ESALQ/USP) * FÓRUM

Há 15 anos, o Prof. Caixeta leciona e desenvolve pesquisas sobre a logística agroindustrial na Esalq. Em entrevista à Hortifruti Brasil, o professor avaliou o sistema de escoamento da produção nacional dos hortifrutícolas. Segundo ele, para que o escoamento da produção melhore, os agentes devem valorizar a qualidade do transporte e não apenas o valor do frete.

ras frias com atmosfera controlada, embalagens personalizadas, etc.). Terceiro, porque a maioria das frutas e hortaliças possui valores agregados relativamente mais altos que a maior parte dos produtos agrícolas, de tal forma que os impactos das despesas de natureza logística (transporte e armazenamento, basicamente) não são tão significativos (13%, contra mais de 20% para o milho, por exemplo). Essa maior especificidade sinaliza para um comportamento diferenciado nas negociações do setor hortifrutícola, de modo a priorizar contratos formais de longo prazo. Ambos, produtor e operador logístico, ganhariam com essa fidelidade comercial. A vantagem para o operador logístico é que ele tem garantia de trabalho ao longo do ano, enquanto que o produtor/atacadista poderia reduzir o custo do frete e exigir maiores investimentos do operador logístico no sistema de transporte, incluindo a própria cadeia a frio. Isto já ocorre no mercado exportador de frutas e em alguns nichos do mercado interno.

HFBrasil: As melhores estradas avaliadas pelos leitores consultados pela Hortifruti Brasil são aquelas com maior valor de frete e, normalmente, são estradas paulistas sob concessão. Não há outra saída para a melhoria senão sua concessão?

Caixeta: Há uma falsa avaliação sobre o impacto do pedágio sobre o frete. Excelentes infra-estruturas de estradas garantem um melhor produto para o consumidor final e uma maior segurança para quem transporta, tanto em termos de menor desgaste do veículo como para o motorista. A fuga de rotas pedagiadas ou o excesso de peso no caminhão levam a um comprometimento da carga e do veículo, que não estão sendo contabilizadas no frete, e causam prejuízos tanto para o sistema de transporte como para o setor hortifrutícola. O problema é que o setor acostumou-se com as "artimanhas" para vencer a concorrência do mercado de frete. Além disso, ainda estamos falando de um mercado, principalmente o doméstico, que não prioriza a qualidade e sim o preço do produto final. Em mercados mais exigentes, como o externo, isto não ocorre. Acredito que

HFBrasil: O que de fato é "logística dos hortifrutícolas"?

Caixeta: A logística dos hortifrutícolas é diferente da de outras *commodities* agrícolas. Primeiro, porque o fluxo de escoamento é bem distribuído ao longo do ano, diferentemente daquilo que se observa na movimentação da soja, por exemplo. Segundo, o produto é perecível e depende, assim, de uma logística teoricamente mais especializada (caminhões refrigerados, câmaras

no mercado interno isso deve mudar no médio prazo, fazendo com que a história do setor hortifrutícola se distinga da atual.

HFBrasil: Quais as alternativas de escoamento da produção hortifrutícola além das rodovias?

Caixeta: Há várias possibilidades de escoamento da produção por outros modais, além das rodovias. Entretanto, essas exigem investimentos e parcerias com empresas concessionárias/gestoras das hidrovias e ferrovias. Um sistema interessante para produtos perecíveis é o chamado "trem expresso", mais rápido que o transporte ferroviário tradicional. O setor poderia investir no transporte ferroviário, mais específico para os hortifrutícolas, e as ferrovias abateriam tais investimentos do valor do frete a ser cobrado. Um caso de sucesso neste sentido foi a parceria das ferrovias com a indústria de fertilizantes. Outro exemplo seria explorar mais a hidrovía do São Francisco para escoar a produção do Vale.

HFBrasil: O mercado vem falando muito no "apagão do transporte", isto é, falta de infra-estrutura para escoar toda a produção agrícola. Isso pode ocorrer?

Caixeta: A questão do "apagão" talvez seja um exagero semântico, mas não deixa de ser uma preocupação a respeito da deficiência da logística no setor agroindustrial, principalmente quando se avalia a atual produção de grãos. O crescimento da produtividade e da área plantada de grãos (soja, principalmente) foi muito maior que a expansão da logística necessária (armazenamento, frota e estradas) para o escoamento de tais safras (na casa de 130 milhões de toneladas).

HFBrasil: Entre os leitores consultados pela Hortifruti Brasil, a maioria relata que não há problema na obtenção de frete para escoar seu produto. O fenômeno do "apagão" é isolado para determinados produtos/rotas ou pode virar uma tendência?

Caixeta: O problema da logística dos hortifrutícolas ainda não está tão evidente, isto porque o volume desses produtos é ainda bem menor que o observado para grãos sólidos agrícolas. Além disso, seu período de colheita é menos concentrado que o observado para a produção da maior parte das *commodities* agrícolas nacionais. Entretanto, podemos nos precaver para que não seja repetida a defasagem de investimentos em logística que vem afetando fortemente outros setores agrícolas. A fruticultura também registra taxas de crescimento de produção e produtividade muito maiores que os investimentos de infra-estrutura para o escoamento dessa produção. ■

*Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo. Suas pesquisas e trabalhos sobre Logística Agroindustrial podem ser encontradas no site ESALQ-LOG (<http://log.esalq.usp.br>).



Os melhores produtos fazem os melhores resultados!



* Marcas Registradas de Dow AgroSciences Eco Comunicação

Dithane*

Stimo*

Pulsor*

Curathane*

Persist*

Sythane*

Lorsban*

Lorsban*
10G

Tracer*

Karathane*

Fungiscan*

Ag-Bem*

Kelthane*

Intrepid*

Sabre*

Mimic*

Kit
Duo Dinâmico

Verdict R

ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receita agrônoma.




**Qualidade
não tem a ver
com sorte.**



**Tem a
ver com Atitude.**

ATITUDE
100%
DU PONT

A qualidade da sua lavoura de tomate não pode depender da sorte.

Adote a Atitude 100%:

Atitude 100% preventiva. Atitude 100% consciente.
Atitude 100% DuPont.

Atitude 100% é o programa de tratamento integrado da DuPont para a prevenção contra os inimigos que atacam sua produtividade.

Consulte sua revenda e seu representante DuPont.

**Prevenir doenças
e pragas é uma
questão de
Atitude 100%.**

Midas BR
Exclusividade DuPont

Rumo
Exclusividade DuPont

Curzate
Exclusividade DuPont

Equation
Exclusividade DuPont

Kocide WDG
FUNGICIDA / BACTERICIDA
BioActive

DU PONT

*Os milagres da ciência**

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



0800 701-0109

